



Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

RONALD DE CARVALHO

Poemas e Sonetos

(Obra premiada pela Academia de Letras)



Editores — Leite Ribeiro & Magurillo

1919

RIO

Poemas e Sonetos

A Alberto de Oliveira

RONALD DE CARVALHO

Poemas e Sonetos

(Obra premiada pela Academia de Letras)



Editores — Leite Ribeiro & Maurillo

1919

RIO

POEMAS E SONETOS

A Alberto de Oliveira

Vida

Para um destino incerto caminhamos,
Tontos de luz, dentro de um sonho vão ;
E finalmente, a gloria que alcançamos
Nem chega a ser uma desillusão !

Levanta-se da sombra, entre altos ramos,
Como um fumo a subir, lento, do chão,
A distancia que tanto procuramos,
E os nossos braços nunca attingirão.

Mas um dia, perdidos, hesitante,
A alma vencida e farta, as mãos tacteantes,
De repente, paramos de lutar ;

E ao nosso olhar, cansado de amargura,
As montanhas têm muito mais altura,
O céu mais astros, e mais agua o mar !



POEMAS DE AMOR

NOCTURNOS

Anoitece . . .
Venho soffrer contigo a hora dolente que erra,
Sob a lampada amiga, entre um vaso com rosas,
Um festão de jasmims, e a penumbra que desce ...
Hora em que ha mais distancia e magua pela terra ;
Quando, sobre os chorões e as aguas silenciosas,
Redonda, a lua calma e subtil, apparece . . .

O rumor de uma voz sóbe no espaço, ecoando,
Mais um dia se foi, menos uma ilusão!
E assim corre, igualmente, a ampulheta da vida.
Senhor! depois de mim, como folhas em bando,
Num crepusculo triste, outros homens virão
Para recomçar a rota interrompida,
E a amargura sem fim de um mesmo sonho vão...

Nos dormentes jardins bolem azas incautas,
Sobre os campos a bruma ondeia, devagar.
Estremecem no céu estrellas somnolentas,
E os rebanhos, que vão na neblina lunar,
Agitam mollemente, ao longe, as curvas lentas
Das estradas de esmalte, ao rudo som das frutas.

Anoitece . . .
Tremúla ainda, no poente, a luz de alguns clarões,
E, enquanto sobre o meu teu olhar adormece,
Entre o perfil sombrio e vago dos chorões,
Redonda, a lua calma e distante, apparece . . .



II

Sobre o rio tranquillo espelha-se um pomar.
Brilham nas sombras, entre as arvores, ao luar,

A torre de granito, o pesado quadrante,
E os dourados delfins de teu parque distante.

Em redor dos rosaes correm, cantando, as fontes,
Solitarios lampeões adormecem nas pontes.

Sob a névoa de azues, que envolve todo o espaço,
A paisagem parece uma gravura de aço.

Tudo está quieto ; no ar apenas estremece,
Com um longinquo rumor de lagrima ou de prece,

A pluma de um repuxo ! E como a agua relumbra
No cofre de velludo espesso da penumbra !

E como a agua, a subir e a descer, levemente,
Lembra o teu coração gelado e indiferente ! . . .



III

Vens, no perfume do ar, como a tranquilla imagem
Que adestrado pincel, depois de lide insana,
Fixou neste jarrão de bronze e porcellana,
Entre ibis e dragões, num trecho de paisagem.

Na areia da alameda o luar quasi se apaga,
Num vôo de pavões dourados, de repente !
E entre a cinza lilaz, que desce, mansamente,
A hora faz-se mais triste, e a penumbra mais vaga.

Ao rythmo do teu passo o silencio estremece,
As fontes velam mais as vozes socegadas,
E a avena dos zagaes, na curva das estradas,
Entre a folhagem calma e orvalhada, emmudece.

De que cidade estranha, onde as torres são de ouro,
As muralhas de ferro, e os rios de amethysta,
Trouxeste a fórmula ideal que não modéla o artista,
E o mysterioso olhar de berylo e ambar louro?

Teu reflexo oscillante, é diverso e hallucina !
Ora lembra um chorão sobre lagos immotos,
Ora uma flor de lis, ora uma flor de lotus,
Ora uma palma, a abrir, no azul de uma collina.

Ao calor do teu corpo, a noite é como o ambiente
De um triclinio, depois das taças emborcadas,
Quando sobre o mozaico ha rosas desfolhadas,
E ha beijos pela sombra, e a sombra é um beijo ardente.

Dentro de teu olhar ha legendas distantes ;
Faunos tocando frauta, á beira de lagôas,
Rondas e pastoraes, entre ægipans e leôas,
Bosques por onde vão, cambaleando, bacchantes...

Têm o aroma subtil, teus cabellos desnastros,
Dos cravos do Hindostão, e dos lirios do Egypto,
E a suave ondulação de um mar calmo e infinito,
Coalhado de trophéos, de galeras, e de astros.

E, enquanto vens assim, no ar tranquilo e dolente,
Cheio do teu calor, sonoro do teu passo,
Como um passaro real de prata viva e de aço,
A noite abre no céu as azas, lentamente.



IV

Pelo velho jardim, que a noite enche de bruma,
As flores vão dormir, na doce paz do outono.
Como a penumbra aumenta, em nós, esse abandono
Que ha nos tanques de opala, e nos jasmins de espuma.

Pousa sobre o meu hombro a tua ingenua face.
Vê como tudo é vão, como o silencio é nobre
Na sombra, após um beijo, ou no ar, depois de um dobre,
Numa palpação transitoria e fugace.

Longe sóbe um rumor, como de um poço fundo.
Não lhe dê atenção, fecha tua alma lassa,
Apaga teu olhar, pois é a vida que passa,
E' o desejo que vem, são os homens, é o mundo.

Pelo velho jardim, que a noite enche de bruma,
Pousa sobre o meu ombro a tua ingenua face,
Apaga teu olhar, deixa que a vida passe,
Que a vida é uma canção transitoria e fugace,
Um ligeiro tremor numa bolha de espuma...



V

Ao luar, os violoncellos, entre os choupos,
Cessaram de chorar. A noite é magua
Tombando, em folhas tremulas, dos topos,
Nos repuxos subindo, em plumas de agua.

E assim, as mãos nas minhas mãos, errando
Pelos rosas da estrada, num scenario
De saudades, de sombras, e de magua,
Vamos o velho tempo recordando.

E os violoncellos choram novamente,
Ao luar que banha o espaço solitario,
Emquanto as folhas tombam no ar dormente,
E o céu se estrélla de ouro e plumas de agua



VI

A lampada abre, no ar, como um lírio vermelho,
No ar que se afasta mais, por melhor acolhel-a.
E o clarão que estremecê ao fundo de um espelho
Lembra, na água de um tanque a sombra de uma estrella.

Entra pela janela um perfume indistincto ;
E pallida, e subtil, de dentro da memoria,
Como um vinho pagão num vaso de Corintho,
Exsurge, ainda uma vez, tua fórma illusoria !

Por que não vieste mais, na noite socegada,
Encher as leves mãos com o luar que fére e offusca,
E, de novo, sorver a aurea espuma gelada
De um cantaro romano, ou de uma taça etrusca?

Esqueceste a afflicção das manhães de promessa
E das tardes de horror, quando a alma é uma grilheta.
Ah! Tudo foi em vão, tudo passou depressa,
Como o sól no céu calmo, e a areia na ampulheta...

Ficaste, pela vida, esquecida e distante,
Como fica esquecido e distante o passado!
Foste a hora mais feliz que parou no quadrante,
O poente mais lilaz de um dia mais dourado...

Nos parques de velludo, onde as arvores bolem,
Sobe um leve rumor de repuxos e ramos,
Ha mais astros no azul, nas flores ha mais pollen,
Dor que não vieste mais? Como nós nos amamos.



VII

No alto dos morros boia a lua de ouro,
O céu, visto de dentro de uma frança,
Parece uma cratera de faiança,
Cheia de vinho espumarento e louro.

Choram as fontes no jardim deserto.
A água, entre os juncos, lembra uma gravura
Com arabescos subtis de illuminura,
E ha sombras vaporosas no ar incerto.

E tudo estava assim, quando partiste.
No céu distante, o mesmo vinho louro
As errantes estrelas embriagava,
E sobre os morros, tremula, bojava,
Como uma grande rosa, leve e triste,
A mesma lua de ouro, indiferente. . .



ELEGIAS

I

Teu vulto leve, ao fundo do passado,
Volve-me, ás vezes, um olhar maguado
Que lembra o luar, por entre névoas finas.
Ainda tenho no espelho das retinas
O parque familiar, e os velhos bancos
Entre tanques azues e jasmins brancos
Onde a vida juntou, em dias vãos,
A's tuas lindas mãos ás minhas mãos.

Onde estás, minha doce companheira?
Como a rosa, que tomba da roseira,
A hora tomba no espaço, sem rumor...
Longe murmura a trompa de um pastor,
Pela tarde que morre, lentamente.
E o poente é como aquelle mesmo poente
Que a terra toda encheu de um sonho triste
Quando sombra, entre sombras, me fugiste!

Ficaste numa curva do passado,
Como dóe recordar o tempo andado
Nas manhãs de illusão, nas noites calmas!
Uma lagrima a abrir dentro das almas
Como um pallido sol num céu de outono,
Um gesto, um longo gesto de abandono,
Um desconsolo, um pouco de saudade,
E nisso está toda a felicidade...

Sobre os campos, em seu vestido louro,
A primavera ri nos botões de ouro;
Entre as ondas vermelhas das espigas
Voltam cantando, em bando, raparigas,
E, dentre a púrpura que envolve o ambiente,
Vai surgindo aos meus olhos lentamente,
Como um rôlo de incenso, no ar lavado,
Teu vulto leve ao fundo do passado...



II

Pela névoa a ondular, como um acorde lento,
Os pés brancos ao luar, e os cabelos ao vento,
Estendeste-me as mãos esguias e nervosas,
Numa ronda aromal de cravos e de rosas.

Que lampada flamenga o teu olhar desvenda?
E's longa como um lírio aberto numa taça,
E nas águas de um lago a tua forma lassa
Tem gumes de punhal, e escumilhas de renda.

Serias Colombina? Ah! se eu fosse Pierrot,
No jardim silencioso, á margem dessa estrada:
Por onde vieste, a rir, e onde sonhando vou,
Dar-te-ia o coração no fim de uma ballada!

Ha theorbas a chorar num bosque de jasmins,
Sobre as fontes, em torno, entre violetas boia.
O plenilunio como uma pallida joia,
E estremece na sombra a cauda dos golfins. . .

Mas apenas beijei as tuas mãos nervosas,
Como um flamingo de ouro o teu vulto passou:
Numa ronda aromal de cravos e de rosas.
Se fosses Colombina, e se eu fosse Pierrot! . . .



III

Em teu olhar, que guarda as florações estranhas
Que o verão incendeia, ou que adormece o outono,
E ora mostra um tropel de mares e montanhas,
Ora um trecho de céu, com aves tontas de somno :
Quando fui procurar, num inquieto alvoroço,

A paisagem de sol, de águas crespas, e ninhos,
Que um dia nos abriu as frondes nas estradas,
Somente pude ver, como ao fundo de um poço,
Jardins cheios de treva, entre árvores geladas,
E a noite, a noite imensa, em todos os caminhos .

IV

(Paraphrase de Samain)

No deserto jardim, que a bruma envolve, pelas
Arvores, de onde tomba, em punhados de estrelas,
O adeus das flores de ouro e das folhas errantes;
Sob um leve docel de copas verdejantes,
Nós iremos, até que a tarde abra no poente
As azas de cristal e de prata silente.

**Caminharemos, entre as sebes, nas estradas ;
E o perfume subtil que ha nas hervas pisadas,
E o silencio, e esse amargo encanto mysterioso
Que deixa, no ar, o outono inquieto e doloroso,
E que sáe dos chorões, dos ninhos e das fraguas,
Das kanangas azues e das tranquillias aguas,
Encherão nosso olhar de sonho e de esplendor,
Como um aroma antigo enche a noite de amor. . .**



V

Na paz do outono,
Grave, profunda,
Teu vulto de ave
Leve ligeira,
Sobre a alameda
Cheia de rosas
Que o luar inunda :

(Sombra de seda.
Pluma ligeira)
Teu vulto suave
Sobre a alameda,
E' uma roseira
Cheia de rosas,
Na paz do outono.



VI

Vê como a sombra é suave, e o céu como está perto !
Tens estrelas nas mãos, e o luar, no chão deserto,
Entre flores de esmalte e de opala dolente,
Abre, agora, um jardim fabuloso do Oriente ;
Um jardim onde houvesse, em maceiras de prata,
Pomos de ouro e marfim, e onde, em leve cascata,
Sobre a relva macia e a areia fulva e ardente,
Jorrassem jogos de água inquieta e transparente.

Tudo adormece no ar : os ramos e as collinas,
Os passaros e os sóes. Anda nas hervas finas
Um perfume que hesita entre a vida e a chimera,
Leve como teu beijo e como a primavera!
Sobre a tua cabeça uma arvore balança
As folhas de cristal e velludo da frança ;
Pelas estradas passa um rumor de harpas eolias,
E ha noivados pagãos no seio das magnolias,
Risos de fonte, sons abafados de viola,
Soluços de guitarra insomne, de onde rola
Uma velha canção que, aos poucos, se mistura
A' tua voz, ao nosso amor, e a toda a Altura...



ROMANCE E BALLADA

Romance

Na névoa da manhã, tranquilla e suave
Vieste do fundo incerto do passado ;
Ainda tinhas o mesmo passo de ave,
É o mesmo olhar maguado...

Entre os rosaes vermelhos tua boca
Era a rosa mais linda e mais vemelha ;
E como, em torno della, inquieta e louca,
Ia e vinha uma abelha !

**Mas não paraste, como antigamente,
Nem me estendeste a leve mão dolente,
A leve mão de irmã.**

**Passaste... E, pelos campos, que alegria!
Passaros, águas, plantas, tudo ria
Na névoa da manhã...**



Ballada

Amei as torres medievas,
De pedra escura e burilada,
Os plenilunios e os choupaes ;
Porém, ó Flor triste e fanada,
Desque surgiste em minha estrada,
Abandonei formas banaes.
Pois junto á vossa face amada,
A vida é sombra, e nada mais.

Jardins dormindo entre rosaes,
Hora a tombar, fria e calada ;
Beijos que são como punhaes,
Não têm a graça fina e alada,
Nem a volupia demorada
Que ao coração silente daes ;
Pois junto á vossa face amada
A vida é sombra, e nada mais:

Tudo que eu vi : Castellos reaes,
Galeras de prata armoriada
Arredondando-se nos caes ;
Quilhas ferindo a onda encurvada,
Olhos chorando na amurada,
Tudo passou, venturas e ais,
Pois junto á vossa face amada
A vida é sombra, e nada mais.

Perdoai Senhora, esta ballada,
E os versos tremulos, mortaes ;
Pois junto á vossa face amada
A vida é sombra, e nada mais..



POEMAS DA NATUREZA

A Tristão da Cunha

Allegoria da manhã

Terra cheia de luz, para o teu esplendor
Ergo as mãos, num tremor de desejo e de gloria !
E na paz de um jardim mysterioso e pagão,
Onde passeia o sol como um velho pintor,
Numa ingenua canção dou-te a minha memoria,
E num beijo aromal, dou-te o meu coração.

Corôada de jasmims, de pampanos e rosas,
Coberta de trigaes maduros, sobre os rios
A tua imagem real veste-se de cristaes ;
E em teus braços, que são as estradas gloriosas,
Cantam fontes rolando entre juncos esguios,
Estremecem bambús e verdes laranjaes .

Entre as latadas de uva, e as framboezas vermelhas,
Ha brilhos de rubis, e reflexos de prata ;
E no tremulo véo velludoso das parras
Um bando transparente e sonoro de abelhas,
Como um fio de mel, ondula e se desata
Sobre a folhagem de ouro, os cravos e as cigarras .

Range no poço antigo a polilha da corda,
Sobre os tanques de opala as arvores recurvas
Boiam, no espelho azul da agua fresca e parada .
Cortam passaros o ar ; pelas granjas, accorda
O moinho que volteia as grandes azas curvas,
E em cada face, o olhar que esvoaça, é uma ballada .

Terra cheia de luz, nos pomares o outono
Incendeia e arredonda a vinha hospitaleiro,
As amphoras que vão no hombro das raparigas
Têm perfumes que dão volupia e que dão somno ;
Nas bilhas, espumando, o leite morno cheira,
E a campina é um clarão de papoulas e espigas .

Na dourada manhã, sobre a paz infinita
Das collinas azues, e dos jardins pagãos,
Para o teu esplendor, terra nobre e bemdita,
Ao sol que se levanta, ergo-te as minhas mãos!



Allegoria da tarde

Sobre os leves rosaes e as finas trepadeiras
As nuvens levam seda e nacar para o poente .
Os parques vão sonhar,
Numa irisada poalha, entre aves e palmeiras ;
E ha torres pelo céu, e flechas de onix ardente,
E galeras de bronze arfando, em chammas, no ar .

Nas alamedas que o crepusculo adormece,
Um dolente torpor crispa os troncos, as ramas,
E as ágathas do chão ;
E no longe, que foge, a distancia parece,
Dentro de um turbilhão de palmas e auriflomas,
Uma cascata de ouro, a rolar de um vulcão !

Lembra o occaso um clarão de estandartes divinos
A ondular sobre o sol, como ao fim da batalha
Ondulam plumas reaes,
Entre o nobre esplendor das taças e dos hymnos,
Das trompas, dos clarins, e da luz que se espalha
Sobre fulgurações de espelhos e cristaes.

Tudo salta para o ar num brazeiro glorioso !
Entre scintillações de incendios rubros arde
A selva secular ;
E com a lava que accende o espaço tumultuoso,
Crescem ondas de luz no silencio da tarde,
Como se a tarde fosse um grande e estranho mar !

Mas quando a sombra vem, lentamente, descendo
Com uma suave expressão de abandono e doçura,
De chimera e illusão,
Todo o passado vae, em ronda, apparecendo,
Emquanto o sol se esconde entre neovas, na altura,
E a tristeza do mundo enche o meu coração . . .



Allegoria da Noite

A noite é suave como um beijo sobre a face.
Nas frondes quietas ronda o luar, e o luar accende
Figuras de marfim, suspensas entre a bruma.
Pelo céu de cristal, luminosa e fugace,
Brilha uma estrella, e foge ; e todo o espaço esplende,
Num tremulo clarão de alabastro e de espuma .

A paisagem parece um aquario gelado.
As gramas são coraes sombrios, e as raizes
Lembram aranhas de ouro, a fugir na penumbra.
O casario, sobre as curvas de nm montado,
Deita espectros no chão, e ha lagrimas felizes
Nos ramos, de onde o orvalho escorre, e me deslumbra.

Na doçura do ambiente a solidão é um poema
Que a alma diz, devagar, num leve choro de harpas;
E o silencio é uma voz que emmudeceu na sombra...
A lua abre, no azul, como a flor de um diadema,
E no céu de cristal, aprumando as escarpas,
Num tropel de alcantis o horisonte se escombra.

Noite, irmã da illusão, quanto sonho glorioso
Semeiam tuas mãos, onde ardem, num chuveiro,
Astros, constellações, nebulosas distantes,
E toda a flora ideal de um paiz maravilhoso !
Quanto desejo vão, inquieto e passageiro,
Tomba de tuas mãos, como a hora dos quadrantes...

Nas sombras do jardim sobe um rumor de chuva
Da agua dos vasos, que um Tritão indifferente
Na fonte senhoreal deixa rolar, num salto.
E os faunos, em redor da vinha aberta em uva,
Descerram, num clarão, os olhos de repente,
E movem quasi, a rir, os cornos de bazalto.

Pelo céu de cristal, luminosa e fugace,
Brilha uma estrella, e foge. O espaço claro esplende.
Nas frondes quietas ronda o luar que a terra accende.
A noite é suave como um beijo sobre a face...

Manhã de inverno

E' tarde, e o sol não vem ; sobre as collinas
Volteiam rolos pardos de neblinas.
O orvalho escorre pelas folhas ; tudo,
Nos ares e nas selvas, está mudo.
No beiral dos casebres, quando a quando,
Andam pombos, aos pares, esvoaçando ;
E, ao dormente frescor dos laranjaes,
Tremem de frio, unidos, os pardaes.

Nos campos cheios de agua e de humidade
Erra um cheiro de lírios. Que saudade
Ha nas arvores quietas, nos relvados,
Nas serras, nos caminhos encharcados,
Nos mangues silenciosos, na espessura
Dos grotões, e nas massas de verdura.
Que saudade ha no gesto com que a mão
Aperta, desolada, o coração!

Mas, de repente, o céu todo estremece,
O horisonte se alarga, a terra cresce
Em grandes labaredas voluptuosas.
As aves cantam, desabrocham rosas...
Num mar de fogo ferve, toda acceza,
Em faixas de ouro vivo a Natureza ;
É a alma fica a sorrir, á flor do olhar,
Ao sol, que a abelha e os mundos move no ar!

Maio Ridente

**Agora que as manhãs são mais leves e finas,
Que o céu é mais azul, e a água mais transparente,
Estrangeiro! vem ver estas serras divinas,
De contornos de seda e pedraria ardente.**

**Vem a música ouvir das aves e dos ninhos,
Das fontes de ouro, a rir, por entre verdes relvas,
Quando se alonga, sobre a areia dos caminhos,
A sombra irregular dos morros e das selvas.**

Cada canto de terra, onde vão, rumorosas,
As abelhas de braza, é um jardim! Cada galho
Uma festa aromal de cravos e de rosas,
E em cada flor reluz uma joia de orvalho!

Róla, solta no espaço, uma tremula poeira
De luz suave e tranquilla, e ha no chão e na altura,
Na montanha pesada, e na folha rasteira,
Um gesto fraternal de graça e de doçura!

Estrangeiro! vem ver estas florestas densas,
Onde, pelos grotões e pelas crespas mattas,
Ha columnas de bronze e cupolas immensas,
E um continuo tropel sonoro de cascatas.

Estrangeiro! vem ver estas serras divinas
De contornos de seda e pedraria ardente,
Agora que as manhãs são mais leves e finas,
Que o céu é mais azul e a agua mais transparente.



Crepusculo

No parque silencioso as abelhas douradas,
Entre a folhagem calma, abrem as azas finas;
Sobem leves canções do fundo das estradas,
E uma indecisa luz veste, ao longe, as collinas.

Hora serena e irreal. Por que, quando entardece,
A alma inquieta tem mais saudade, e tem mais dor?
Por que o passado assim, na memoria, aparece,
E põe no labio triste um immenso amargor?...

Emquanto as formas vão morrendo pelo ambiente
Um perfume subtil e doce envolve o espaço;
A sombra desce no ar e, como á flor de um lago,
Entre a noite, ainda vaga, e o dia, ainda mais vago,
Desabrocham no céu, distante e transparente,
A lua de cristal, e os sóes de opala de aço. . .

Primavera

Escuta! E' a Primavera! anda nos ramos
Um divino esplendor de pedrarias.
Na agua tranquilla das ribeiras frias
Molham as plumas de ouro os gaturamos.

Que doçura ha no campo, onde as carretas
Passam lentas, pesadas! Que doçura
Derrama sobre a terra o azul da altura,
E como se alam no ar as borboletas!

Ouve : Sobem dos bosques vozes francas,
Risos de fonte, cantos de esperança.
Que serena alegria enche os espaços !
Da-me a cesta de amoras, loura creança ;
Levanta os senhoris, os lindos braços,
E, como a sombra de uma nympha, dança,
Leve e subtil, por entre as rosas brancas ! . . .



Serenidade

Choveu . A tarde desce ; rota,
Uma palma pende, no poente.
Das folhas tomba, lentamente,
Um resto de agua, gota a gota .
O campo, ao longe, em fumos brilha ;
Sobe do fundo das estradas
Um perfume de hervas molhadas,
De canella, cravo e baunilha .

No ar transparente, as andorinhas
Voam, revoam ; dentre as vinhas
Tremem redondos cachos de uva ;
Emquanto o sol, pallido e louro,
Vai misturando os raios de ouro
Aos pingos de prata da chuva .



Noite de Junho no Campo

A' beira d'agua, os caniços
Tremem, com brilhos mortiços ;

Ha tons de prata gelada
Na areia branca da estrada .

Nos campos humidos anda
Um perfume de lavanda,

De folhas virgens e agrestes
E de Magnolias silvestres .

Trilam os grilos nas relvas,
E os galhos rangem nas selvas.

No céu, desolado e algente,
Curvo, resplende e crescente ;

E, sobre a água, entre os caniços,
Em leves brilhos mortiços,

Na sombra azul, que estremece,
Um novo céu aparece. .



Manha de pedrarias

**O dia acorda, vem ! Por todo espaço
O sol scintilla, em pontas de ouro e de aço ;**

**Ha rumores sonoros entre as rosas,
E na copa das arvores frondosas,**

**As aguas correm crespas, em cascata,
Num tremor de esmeraldas e de prata ;**

**Nas espigas douradas e vermelhas,
Em cachos vivos, zumbem as abelhas ;**

Pelos troncos escorrem, purpurinas,
Como quentes granadas, as rezinas ;

Que voluptia de cores, que doçura
Ha nos campos cobertos de verdura !

Nas collinas, nas relvas, no ar incerto,
Tudo fulgura, como um cofre aberto ;

Nos rios rolam perolas dermentes,
E ha nas pedras carbunculos ardentes ;

A poeira tem irisações estranhas,
E é de safira o flanco das montanhas !

Vê como teu cabelo se mistura
A' morna irradiação que vem da altura ;

Vê como tua boca se parece
A's polpudas romãs que o sol aquece !

Banha-te nesta luz ! Bebe este vinho
Que ferve sobre a areia do caminho ;

Que espumeja na taça das corollas;
E no louro fulgor das carambolas ;

Que dardeja nas varzeas enfloradas,
E na tapeçaria das estradas ;

Que vibra na palheta das parreiras,
E no incendio aromal das laranjeiras.

Bebe este vinho nobre ! Que vertigem
De alegria encherá tua alma virgem !

Vê como esta alegria o sêr te irmana
A' beleza divina mais que á humana !

Vê como a vida é boa, assim vivida,
Assim amada ! Como é boa a vida ! . . .



Tarde de chuva

Sobre os jardins, fina, insistente,
A chuva cáe, tranquillamente,

Por que uma voz antiga, chora
Dentro de mim, occulta agora ? . . .

Das folhas tomba, lentamente,
A agua da chuva transparente .

A' hora em que os sêres adormecem,
Por que meus olhos se entristecem ?

No escuro céu, tremulamente,
A sombra estende a aza silente.

Que solidão nos ares erra !
Que solidão em toda a terra !

Sobe, e se espalha, suavemente,
Um cheiro de ervas pelo ambiente.

Por que, lá fóra, tanta calma,
E tanta magua na minha alma?...

Sobre os jardins, fina, insistente
A chuva cáe tranquillamente...



A sombra que passa...

**Ao sol que os espaços banha
Num mar de purpura quente,
E de ouro fino,
Rebrilha em cada corrente,
Reluz em cada montanha
Um pensamento divino !**

Suspensa de leve galho,
— Breve taça de alabastro,
Ou de coral—
Na folha cheia de orvalho,
Como no seio de um astro,
Bebe, chilreando, o cardeal.

Numa subtil poeira de azas
Bailam, em ronda os insectos,
Ageis e esquivos ;
No chão accendem-se brazas,
E ha nos caminhos discretos
Subitos clarões furtivos.

E, emquanto o sól incendeia
Vallos e morros pesados,
E emquanto, no ar,
A aranha constróe a teia,
E a terra, com os seus arados,
O Homem feliz vai lavar ;

Emquanto os rios murmuram,
E a folhagem buliçosa,
Sonha e estremce
Nos relvados, que fulguram,
Uma sombra silenciosa
No claro espaço apparece.

Uma infinita amargura
Desce do azul, sobre a calma
Da Natureza,
E ha como por toda a altura,
Uma alma que soffre, uma alma
Cheia de humana tristeza !

Silencio

Ninguém . . . A noite dorme, silenciosa.
Pela encosta dos morros sobe a lua.
Que exquisita saudade se insinua
Na noite silenciosa !

As arvores, nos ermos, estão quietas ;
E, ao luar, que inunda as calmas alamedas,
Ha um brilho de vidrilhos e de sedas
Entre as arvores quietas.

Que mão subtil nas relvas orvalhadas
Derramou tanta joia e pedraria?
Parece até que vai nascer o dia
Nas relvas orvalhadas !

Rola um perfume de jasmins no ambiente.
E, entre a sombra que envolve toda a altura,
Um repuxo finissimo murmura
No desolado ambiente..

NA DOÇURA DA TARDE

A Claudio Ganns

No céu purpureo ferve a luz do poente
Como a cratera acceza de um vulcão;
E os astros vão abrindo, suavemente,
A sua floração.

Quando a penumbra desce pelo ambiente,
Porque fica mais velho o coração?
Porque o silencio é muito mais dolente,
Porque tudo é mais vão?..

Quando a tarde adormece a natureza,
Porque a sombra insinua essa tristeza
Dentro do nosso olhar?

Porque a memória vai, de quando em quando,
Todo o passado, aos poucos, desfolhando,
Como uma rosa no ar?, . . .



POEMAS DA VIDA

A Mario Simonsen

Deante da vida

Entre ondas voluptuosas de verdura
A floresta levanta os braços fortes,
Braços que estão, vergados, rebentando
Em flores vivas, em plumagens fartas,
E em frutos saborosos, que são como
Os pensamentos amadurecidos
Que sobem da humildade das raízes
Para o esplendor das frondes constelladas!

Tudo se move num rumor confuso :
Folhas e caules, sebes, trepadeiras ;
Rios que o sol escalda, e onde fulguram,
Entre rubros clarões de labaredas,
Joiias, punhaes de fogo e espadas de aço ;
Campos, que o vento agita, e a luz transforma
Em mares empolados, onde rolam
Vagalhões de esmeraldas e safiras.

Tudo se move ! até das penhas rudes
A rocha millenar estála, e tomba !
A Terra tem palpições profundas,
E tanto o largo seio empina e abaixa,
E tanto se revolve, que parece
Não supportar o peso das montanhas,
Dos serros brutos, dos pedrouços duros,
Que lhe apertam de mais o agreste flanco.

Num brilho de metaes em braza fervem
Os atalhos de ardente areia acceza,
O curvo espaço, a cupula das arvores,
A agua das fontes recamada de ouro ;
E como em copas onde o vinho espuma,
Nas corollas abertas se embebedam
As lustrosas abelhas de velludo,
E os pelludos bezouros rumorosos.

Cada tronco de bronze é uma columna,
E cada umbella um capitel luxuoso ;
E ha nas pedras estatuas modeladas
Por mãos desconhecidas, mysteriosas ;
Mãos que arrancam da magua e da alegria,
Do terror, da tristeza e da amargura
Que a lagrima das coisas vai deixando,
As mascaras eternas da Belleza.

II

Dentro desse tumulto luminoso
O Poeta, um dia, despertou. «Caminha!»,
Alguem lhe segredou; «Caminha», os olhos
Tontos de amor, lhe dizem deslumbrados.
«Vai em busca da vida que te chama!»
E elle vendo no olhar, e na alma vendo
Um sonho novo de felicidade,
Abriu as mãos anciosas para a vida!

O crepusculo pallido descera
Com o silencio e a penumbra sobre a terra,
Numa poeira de fórmias indecisas
Todas as fórmias no ar se confundiam.
A selva, agora, em sombra mergulhada,
Com a folhagem serena adormecida,
Tinha o tranquillo aspecto das madrêporas
E dos coraes nas landes submarinas.

Dos encruzados ramos caprichosos
O orvalho em claras gotas escorria ;
E ao tibio luar nascente as folhas calmas
Eram conchas finissimas suspensas ;
O musgo era um tapete de algas humidas,
E os luzentes arroios imitavam
Peixes de fria escama scintillante,
Nadando num tremor de espumas leves.

Tacteante, embora, o Poeta caminhava
Ebri das maravilhas que seus olhos
lam na noite immensa descobrindo :
Quando uma voz de estranha resonancia,
Ferindo os fundos boqueirões remotos,
Varando a repousada somnolencia,
E a espessura dos bosques silenciosos,
De subito accordou o espaço mudo !

Que voz, ao mesmo tempo, doce e horrível
Assim o allucinava e o seduzia?
Que tentáculos frios, movediços,
Vinhão prendel-o, assim? Que invisível polvo
Seus hesitantes passos arrastava?
E implacável, teimosa, tentadora,
Dentro da noite solitária e imensa,
A voz lhe segredou : «Caminha, é a vida!»

«Caminha, que verás um céu mais alto,
«Recoberto de estrelas palpitantes ;
«Caminha, e beberás a água mais pura
«Que poderá provar a tua boca !
«Entrarás em jardins nunca sonhados,
«Onde receberás teu lábio virgem,
«Num chuveiro de pétalas macias,
«Um baptismo de beijos deliciosos.»

«Foge das tuas furnas desoladas,
«O' Passaro nocturno da floresta!
«Vai para a vida que te espera, soffrega!
E elle, seguindo a voz que abria como
Um caminho sonoro pelos ares,
E que, de instante a instante, mais crescia,
A uma região de agudas cordilheiras,
Lento, levou os fatigados passos.



III

Por todo o ambiente, em véos de opala, ondeante,
Um nevoeiro subtil se derramava.
O contorno das coisas era feito
De bruma e de cristal; e a luz que, trémula,
Descia na atmosphaera vaporosa
Entre florões de floculos prateados,
Misturava no seu morticho fluido
Ao tom do marfim velho a cor das perolas.

Mal os olhos do Poeta se afizeram
A' nevoa circumstante, um arrepio
Correu-lhe a face, e pertubou-lhe a vista!
Estava em frente delle um alto monte
De refranjada escarpa multiforme,
Recortado de dentes e de agulhas,
Por onde uma caudal vertiginosa
Com raivoso fragor se despenhava.

Fervendo sobre os blocos de granito,
Martellando nas rocas recurvadas,
Rugindo na aspereza dos penhascos,
A torrente saltava, em crespos jorros !
De cada aresta lisa e penetrante
Repontava uma lamina desnuda,
E em cada pedregulho rebatido
Um clamor de bigornas se escutava.

Logo, o Poeta parou. Não era de agua
A torrente que os ecos abalava;
E a voz que em seus ouvidos rebramia
Eram gritos de angustia e desespero,
Queixas, supplicas, ais, gemidos longos,
Brados convulsos de odio e de tortura,
Uivos de maldição, ululos cavos
De quem sentisse rotas as entranhas l

Era a vida que, em turbilhões, rolava
Num continuo tropel de ossos partidos
E laceradas carnes esmagadas;
Eram corpos que, em vão, se debatiam,
Eram bocas que, em vão, se procuravam,
Era toda a aflição que os mundos move,
Era todo o infinito da amargura
Apenas revelado num segundo !

Não era de água, mas de sangue escuro
A torrente que os ecos sacudia:
Sangue de corações que rebentavam,
Sangue de mil batalhas inclementes !
E o monte infindo, que se desdobrava
Pelo infindo horizonte sem limites,
Era como o Destino, mudo e imovel,
Dentro da vida inquieta e passageira.

Emquanto o Poeta, insomne, contemplava
Tanta miseria, a alma lhe disse: «Foge!

•Na tua agreste furna ha mais doçura
•Que no mais lindo e cristallino còllo,
•O silencio da selva é mais humano
•Que a voz da dolorosa vida humana.
•Na aza das borboletas e nos brutos
•Ha mais sabedoria que nos homens..

•Vai para os teus abysmos, onde a noite
•Tem mais encanto e mais deslumbramentos,
•E onde a tua cabeça resplandece,
•No pincaró das serras solitarias!
•Deixa a vida bater de encontro a vida
•Como as ondas se chocam contra as ondas.
•Homem-divino, Poeta! Volta á selva,
•Volta á Belleza eterna e silenciosa...»

A UM ADOLESCENTE

I

Faze do instante que passa
Toda a tua aspiração;
Que o mundo cheio de graça
Caberá na tua mão !

Sê sobrio: com um copo de agua,
Um fructo, e um pouco de pão.
Nem sombra de leve magua
Cortará teu coração.

Ama a rude terra virgem,
Com todo o teu rude amor;
Pois colherás na vertigem
De cada sonho, uma flor.

Soffre em silencio, sozinho,
Porque os soffrimentos são
O mais saboroso vinho
Para a sombra e a solidão...

E quando, um dia, o cansaço
Descer ao teu coração,
Une á terra o peito lasso,
E morre beijando o chão ;

Morre assim como indeciso
Fumo, que nos ares vai,
Morre num breve sorriso,
Como uma folha que cai...



II

Amei a vida, primeiro,
Pelos olhos, e o que vi
Era suave e passageiro :
Amei a vida, e sorri .

Amei-a, com a alma, em seguida,
Mas, onde os passos levei,
Comigo chorou a vida,
E, com ella, triste, chorei . .

III

Não desejes: é amargo desejares.
Guarda o que tens, fechado em tua mão,
Pois só ha desenganos e pesares
Na sombra triste deste mundo vão...

A alma que arrastas, andes onde andares,
Terá mais sol, terá mais illusão,
Se fores sempre assim, se não tentares
Accrescentar um pouco ao teu quinhão :

Vive no teu jardim de frondes mansas,
Sem ambições nem cóleras pueris :
Quem tem desejos, tem desesperanças,
Quem não deseja é muito mais feliz...



IV

De um poeta russo

Um vôo de ibis corta o céu de ouro e marfim.
Pelo céu de marfim arde a braza do poente ;
Doçura irreal da luz nos lagos do jardim,
Doçura do jardim sobre a água transparente !

A tarde desce, lenta, e a sombra aumenta no ar.
Ah! quando a sombra vem, minha alma tonta esvoaça ;
E, pela hora mortal, meus olhos vão chorar
A beleza que foge, e o momento que passa...

V

**Gesticulas em vão ! Para que te cansares ?
A vida passará por tuas mãos anciosas
Como uma abelha num jardim cheio de rosas,
Como a estrella no céu, como a espuma nos mares.**

**Tua alma é uma grilheta, uma estranha prisão
Que augmenta, sem cessar. Mas, se um dia a quebrares,
Comprenderás, então, coberto de pesares,
O amargor que ha no fim de todas as estradas,**

**E o gesto de pavor das mãos acorrentadas
Que tentaram tocar, uma vez, a illusão . . .**



VI

Tentaste dominar a vida passageira
Como um raio de sol que, entre arvores, se some ;
Mas tuas mãos febris resvalaram na poeira,
E, num grito, apagou-se o rumor do teu nome !

Lutas num aranhol, onde a tenaz vencida
Quanto mais nós rebenta, ainda mais nós descerra !
Lutas inutilmente, homem cego, que a vida
E' nuvem leve do ar, sombra triste da terra . .

VII

Os dias passam num segundo,
Os annos voam num momento.
Homem, que fazes neste mundo,
Que faz teu leve pensamento?

Ao teu olhar a terra acceza
E' como um riso aberto em flor!
O riso é a luz da natureza!
Que fazes tu com a tua dor?

Porque tua alma é sempre fria,
E o passo teu vago e indeciso?
A gloria nasce da alegria,
Os deuses morrem num sorriso...

Riem-se as pedras, quando a aurora,
Inunda o céu de ouro e de anil;
Ri-se no espaço a ave canora,
No lodo ascoso o sapo vil!

Porque só tu, por esse mundo,
Trazes dorido o pensamento?
Olha que és sonho de um segundo,
Olha que és sombra de um momento...



Destino

Ainda menino, disse-me, um dia,
A voz occulta do coração:
•Terás da terra toda a alegria
Na tua mão.

Ah ! duro engano, quem o diria !
Louco de espanto, de inquietação,
Só vi tortura, melancolia,
No mundo vão . . .

Ouve, criatura de alma inocente,
Ouve, e medita, porque não mente
Quem isto diz:

Na vida cheia de falsidade,
Só quem deseja a felicidade
Não é feliz. , ,



Onda

A porta das cavernas, silenciosos,
Sobre os joelhos pousando os pulsos de aço,
Os homens olham, mudos, para o espaço,
Onde os astros afloram, vagarosos. . .

Tudo é glória e esplendor! um sonho intenso,
Um sonho primitivo, ainda selvagem,
Envolve os ramos fartos da paisagem,
Tremula no horizonte calmo e imenso.

Na solidão dos prados e das mattas
Rebôa, num tropel, e atrôa os ares,
Batendo nos penhascos seculares,
A vóz rouca e ululante das cascatas.

E os homens ficam pallidos, olhando,
Na curva onde o céu foge e desfalece,
O claro dia que desaparece,
E a noite que, entre sombras, vem chegando...



11

As cúpulas de prata e de ouro virgem
Chispam, á luz do sol, como geleiras,
Os mares fervem, tombam cordilheiras,
E a terra toda é uma onda de vertigem!

Da pedra sobe o templo, o ferro forte
Vibra na espada, canta no broquel;
E do bronze, e do marmore revel
Os deuses nascem para o amor e a morte.

E e a vida vae passando, e vão as dores
Apparecendo, lentamente, emquanto
A alma vacilla e cáe, de pranto em pranto,
Sob o aguilhão de eternos dissabores.

Em luminosa névoa anseia a vista,
As mãos tacteiam sobre rochas duras;
E as torturas augmentam as torturas,
E após uma conquista, outra conquista!

III

E os homens lutam sempre; indiferente,
A hora que passa não lhes traz doçura.
Depois do abysmo fundo, a ingrime altura!
E' preciso vencer continuamente . .

As idéas renovam-se com as chagas;
E a cada golpe rude, de repente,
Succede-se um mais largo, e mais dolente,
Como a vaga succede às outras vagas.

Uma sêde indomavel os arrasta.
Dentro de um turbilhão de odios e sanhas,
Varando oceanos, selvas e montanhas,
Os homens seguem na amplitude vasta!

E as cidades alastram-se, e as florestas
De altos troncos, folhudos e pesados,
Rolam no embate bruto dos machados,
Ao impulso das mãos rudes e lestras.

Entre muralhas rijas de castellos
Choram as fontes, os arroios gemem;
Emquanto os ares e os pedrouços tremem
Num barulho sonoro de martellos.

Das forjas saltam labaredas vivas,
O fogo, pela sombra, em linguas, pula,
E ruge, na bigorna que estridula,
A cólera das forças primitivas!



IV

Mas não basta! E' mister lutar ainda.
Surgem dos elementos dominados
Outros mais raros, mais ambicionados,
Numa constante progressão infinda.

Os homens querem ver, na lide insana,
Maior, a alma pequena e desprezível;
E, sonhando a distancia inatingível,
Esquecer na divina a essencia humana.

E a vida corre, cega; e o tempo avança.
Em vão! tudo lhes foge como dantes,
Nessa guerra de todos os instantes,
Feita de desespero e de esperança!

V

E um dia, tudo cessa : angustias, ais,
Risos de amor, rugidos de metralha.
E, onde antes houve gritos de batalha,
Ha somente silencio, e nada mais . . .

Dos céos a treva desce, lentamente ;
E o sol, o louro sol, de outras idades,
Morre sobre destroços de cidades
Como um vulcão cheio de cinza ardente.

Entre estatuas de deuses, e entre a ruina
De basilicas, templos e mesquitas,
Róla o mundo nas brumas infinitas,
Para a fatalidade que o fascina !

Pelos mares gelados apodrecem
Restos de barcos rotos ; nas collinas
Corôam-se os pinheiros de neblinas,
E os longes fumegantes escurecem.

VI

Sob a neve subtil, fina, insistente,
Nem uma vóz nos ares se desata,
Nem um rumor longinquo de cascata
Perturba a estranha solidão do ambiente.

Tudo é magua, em redor! Um sonho intenso,
Um sonho doloroso, e já selvagem,
Cobre os galhos despídos da paisagem,
Tremúla no horizonte escuro e imenso.

E á porta das cavernas, silenciosos,
Sobre os joelhos pousando os pulsos lassos,
Os homens olham, mudos, os espaços,
De onde os astros se afastam, vagarosos.

A estrada sem fim

Dentre uma leve espuma, em rondas suaves,
A madrugada rompe. Um canto de ansia
Sobe da selva funda e socegada,
E agita as frondes no ar sonoro de aves.

O homem levanta as mãos para a distancia
Que surge, lentamente, em sua estrada ;
É o passo audaz, sereno, a alma confiante,
Sobre pedras e espinhos caminhando,
O tempo que floresce no quadrante
Vai, solitario e alegre, desfolhando...

Ao sol do meio dia, quando o espaço
Toma os contornos de um castello mouro,
E o céu em chammás, lembra um rio de aço
Entre escarpas de braza e vulcões de ouro,
O homem pára, abre os olhos, e medita
Na solidão das landes, infinita !

Depois, a tarde cobre todo o ambiente
Com as imagens somnambulas, estranhas,
De uma renda de cinza transparente ;
E, enquanto, pouco e pouco, tremulando,
Num chuva de sóes a noite desce,
O homem, erguendo as mãos inutilmente
A' distancia, que vai sempre augmentando,
Entre abysmos, torrentes e montanhas,
Pela estrada sem fim desaparece . . .



ENTRE OS CHOUPOS DA ESTRADA
(Epitaphio)

A Alvaro Moreyra

Entre os choupos da estrada

(Epitaphio)

Entre os faunos, que são ingenuos, junto á fonte
Que a vóz calava no ar, somente por ouvil-o,
A harpa suave nas mãos, a corôa na fronte,
Elle riu e cantou no azul do céu tranquillo!
Pára um pouco, Viajor - Ergue de pedra fria
Os teus olhos, e vê : Tudo o que, em roda, existe,
Já passou, já voltou, riso ou melancolia...
Quem foi alegre, um dia, um dia ha de ser triste !

Mas antes de, outra vez, seguires para a vida,
Em frente aos bosques, onde ha frutas mysteriosas,
Na penumbra que envolve a terra adormecida,
Recorda como é vão o teu destino breve,
Como passam no mundo os passaros e as rosas,
Como a sombra do poeta, entre os homens, é leve...



SONETOS

Manda-me amor que cante docemente.
Camões. Canção VII.

A Jorge Jobim

I

Velhas imagens

Mulher! bolha de espuma, incenso leve
Que rola no ar, arroio que deslisa;
Folha de outono, cinza errante, brisa,
Rosa fresca de um dia, sonho breve!

Fórma subtil que a penna não descreve,
Sombra das sombras, tremula, imprecisa;
Luar, que as pedras brutas idealisa,
Plúmula ondeante, flóculo de neve..

Mulher! Quantos atraz do teu engano
Perderam, com a esperança, as almas quietas,
Então mudadas em raivoso oceano!

Mulher! Vento em canção, nuvem que passa...
Tão serena e constante como os poetas,
As miragens, as ondas, e a fumaça...

II

Fortuna, por meu mal, me tem mudado
Todo o prazer da vida em dissabor.
Pois, onde ponho meu maior cuidado,
Logo ella põe tristezas e amargor.

Porque será que, em danos, o meu Fado
Vem convertendo sempre? Acaso, Amor
Só traz doçura, quando desolado,
Só tem perfume, quando tem travor?

Mas quem será que um brando e leve crime
Me fez pagar com penas dolorosas?
Será Fortuna, mesmo, que me opprime

A alma cheia de erros, ou serão
Essas ondas geladas, caprichosas,
Que andam boiando em vosso coração?



III

A uma Senhora indiferente

Muda-se o claro dia em noite escura,
A névoa em luz subtil, que resplandece,
E os campos doura, as sebes reverdece,
E enche de azul sereno a immensa altura ;

Muda-se em fina poeira a pedra dura,
O botão em corolla, a loura messe
Em trigo, a flor em fruto que apetece,
E a tristeza das horas em ventura.

Muda-se o doce arroio em onda amarga,
O vento em calmarias, a esperança,
De enganos leves, em pesada carga.

Somente vós, por quem vivi penando,
Entre as coisas que sempre vão mudando,
Não conhecestes sombra de mudança!



IV

Junto das águas frescas, suspirosas,
De manso arroio, o louro Almeno inclina
A fronte, em febre, entre um festão de rosas,
Que um raio de ouro, tremulo, illumina.

Inclina a fronte, e pensa nas cheirosas
Manhãs de prata e espuma leve e fina,
Quando vinha das selvas mysteriosas
A musica das frutas, cristallina.

Tudo revê, saudoso ; mas apenas
Os olhos põe na fugitiva Nympha
Que as horas lhe amargára tão serenas :

Logo um nevoeiro os ares escurece,
Logo se cala a suspirosa lympha,
E o claro sol do céu desaparece...



V

Onde puzerdes vosso Amor,
Logo achareis magua e tortura :
A vida é feita de doçura
E, ao mesmo tempo, de amargor.

Andam, assim, prazer e dor
No mundo vão, tão de mistura,
Que separal-os é loucura,
Sobre loucura, dissabor.

Mas é costume, infelizmente,
Costume máo, de toda gente,
Querer ventura sem travor,

Tomai, pois, tento, que, em verdade,
Não vereis só felicidade
Onde puzerdes vosso Amor.



VI

Quem teve á mão o fruto cobiçado
Quem alcançou, bastando desejar,
No labio triste o beijo demorado,
Na alma, o sonho feliz, o sol no olhar

Quem abysmos transpoz, como um Cruzado,
Entre incendios de luz, num rebrilhar
De aços polidos, e ouro derramado,
Brandindo a espada chamejante no ar ;

**E' quem, dolente, e em reverencia, agora,
Todo se curva, pallido, Senhora,
A fronte, e a gorra de velludo ao chão !**

**E' quem, sob a invencivel armadura,
Diante de tão serena formosura,
Sente tremer de medo o coração !**



VII

A' maneira do Renascimento

(Depois de ler a Vita Nuova)

E's tão leve e gentil, ó minha Dama,
Que, pelas ruas, quando os mais saúdas,
Ficam as bocas, de repente, mudas,
E os olhos ardem numa inquieta chama.

Teu melindroso gesto assim derrama
Tanta doçura sobre as coisas rudas,
Que em milagre do céu a terra mudas,
Tu, milagre maior, que a terra aclama !

Tontos da tua luz sonham, unidos,
Entre supplicas, ais, gritos, gemidos,
Os corações que Amor está movendo.

E em torno ao labio teu, como alta lira
Que dedos invisíveis vão tanjendo,
Um mundo de almas tremulas suspira.



VIII

Emquanto a Primavera vai deixando
Os fios de ouro na corola aberta,
A esmeralda nas folhas, e no ar brando
Aquella doce luz, tremula e incerta;

Emquanto os roseirae se enfloram, quando
O jasmineiro, em cachos, descoberta
Mostra a flor de marfim, e, ao vento, ondeando,
Toda a selva em clarões freme e desperta;

Emquanto o sol dardeja e o azul deslumbra,
Meus olhos andam cheios de penumbra,
E uma pedra me aperta o coração !

E' que, por tudo, sinto, num queixume,
A enganosa illusão do teu perfume,
A tua voz, e o teu contorno vão.



IX

Longe do teu olhar a terra é escura,
A flor não viça, as águas são pedrentas ;
As horas, de saudosas, são mais lentas,
E amarga mais nas almas a amargura.

Longe do teu olhar toda a doçura
Dos campos foge em brumas fumarentas,
E a ventura da vida, que alimentas,
Pouco e pouco se volve em desventura.

Ora, se a Natureza assim castigas,
E se as coisas amigas e inimigas,
Mergulha tua ausencia em prantos e ais ;

Que poderei dizer, então, da minha,
Da minha natureza tão mesquinha
Que teu olhar não illumina mais !



FIGURAS DE CINZA E DE OURO

A Alceu Amoroso Lima

Pastoral

O carro das vindimas, lentamente,
Com as rodas de ouro e bronze bate o solo ;
Nos morros arde a púrpura do poente,
Na sombra espiam nymphas de alvo collo.

Em derredor faz ronda a rude gente
De rijos cornos, frauta a tiracollo,
Satyros, faunos ; e, num bando, á frente,
Ménades brutas roncam contra Apollo !

Dos pampanos virentes rompem bagos,
Nas amphoras o mosto flavo oscilla,
Em reflexos metallicos e vagos.

O ar embebeda as fontes, no caminho,
E pela tarde tepida e tranquilla,
As aguas, tontas, sonham que são vinho . . .

Peân

Ergue para o céu calmo as leves mãos serenas.
Pede a gloria que embriaga, e a victoria que offusca ;
Antes que a frota real das galeras hellenas
Rompa, num turbilhão, as curvas da onda brusca !

Ferve no mar de opala a espuma das carenas ;
E, das terras ideaes, que teu desejo busca,
Vem, no aroma subtil dos cravos e açucenas,
A graça pastoril de uma canção etrusca.

Desenham-se no azul, que a luz accende e escalda,
As serras de cristal, e os campos de esmeralda,
Que teus guerreiros vão, sequiosos, conquistar !

Levanta ao sol dourado as leves mãos radiosas,
E, como quem desfolha um punhado de rosas,
Desamarra, em festões, as bandeiras pelo ar !



Medalhão

No terraço esculpido, entre alvos alabastros,
Triste, adormeces junto ás amphoras esguias ;
A cabeça inclinada, os cabellos desnastros,
Onde estão refulgindo o ambar e as pedrarias.

A agua, de encontro ao cáes, rola, num cofre de astros,
E, ao fundo, entre clarões, ferindo as ondas frias,
Passam trirêmes com grinaldas pelos mastros,
Carregadas de sal, de vinho e especiarias.

Como um jardim, os teus contornos, lentamente,
Vão florindo, na sombra, em tons de um suave louro,
Com um perfume que lembra as magnolias, ao luar;

E nos longes, que a noite enche de cinza ardente,
Entre palmas, tropheus, flammias e espumas de ouro,
Na trompa dos tritões soluça o velho mar . . .



Festim pagão

**Numa ronda de luz, dentro dos bosques mudos,
Ao sonoro bater dos tambores retezos,
Entre taças de bronze, e encurvados escudos,
Correm faunos febris, de olhos fundos, accezos.**

**Toda a selva estremece, e, nos relvados rudos,
Ha gritos, maldições, promessas e despesos ;
Emquanto, mollemente, os satyros cornudos
Dansam, na grama fôfa, em pelles finas presos.**

A tarde desce, longe. Em tropel, as bacchantes,
Ao som das tubas de ouro e das frautas de cana,
Passam, as mãos nas mãos, tremulas, cambaleantes.

E quando a lua vem, de subito, os compassos
Emmudecem no espaço, e a sombra se engalana
De grinaldas de sóes, de beijos e de abraços !



Baixo-Relevo

Sobre os altos cyprestes, rubra e ardente,
Uma tarde triumphal desce, e agonisa ;
E Fauno, as mãos pelludas, de repente,
Abre para uma nayade imprecisa.

Embora o olhar o engane, Fauno sente
Uma boca a beijar-lhe a alma indecisa,
E tonto, estende os braços para a frente,
Como se visse espadua nua e lisa.

No crepusculo triste, uvas e rosas
Tombam feridas de melancolia,
Dentro do bosque, em rondas silenciosas.

E Fauno, ainda uma vez, abre as mãos lassas,
Enquanto a sombra apaga, suave e fria,
Uvas e rosas, pampanos e taças.



Vinho amargo

A côroa de louros sobre a fronte,
Erguendo ás mãos a taça, e a palma de ouro,
O poeta vê, na curva do horizonte,
Franjas de céu, pedras de ancoradouro.

Brilham no mar sereno as naus, e a ponte
Que rasga as ondas como um brigue louro.
É tudo boia em sol, águas de fonte,
Tanques de prata, ou leões de pateo mouro.

De subito, porém, pallida e nua,
A vida enche-lhe a taça de berylo,
E elle mergulha os labios, e recúa !

Pois no vinho que a vida lhe offerece,
Como num fundo olhar, negro e tranquillo,
Todo o pavor da morte lhe apparece !



Chuva de astros

O céu tranquilo é uma amphora redonda,
Cheia de prata e de ouro, a transbordar ;
E nos jardins, ao longe, em lenta ronda,
Os pavões abrem leques para o luar.

Enquanto a bruma desce, de onda em onda,
Sobre as frondes da selva secular,
O vento vai fazendo a estranha monda
Das roseiras que se desfolham no ar.

Nos lagos de esmeralda um canto ardente
Tremúla, e sobe, num rumor de liras,
Por entre jorros de água transparente ;

E, pelo espaço imenso, que relumbra,
Em turbilhões de opalas e safiras,
Estremecem as azas da penumbra !



Festa veneziana

Sobre as águas de púrpura abre o poente
Faixas fulvas de luz, franjas esguias
E ondulantes de prata viva e ardente,
Num claro rebrilhar de pedrarias.

Em cada planta aquática, dormente,
Que as raízes distende, e as folhas frias,
Refulge um raio de ouro, levemente.
A tarde cae do alto das penedias!

Num florão de grinaldas caprichosas
De violetas, cysantheiros e rosas,
As gondolas baloioam no canal.

O sol desaparece . . . Ha um riso de ansia! . . .
Emquanto vai subindo, na distancia,
Num céu de espuma, a lua de cristal . . .



Sombras que voltam

Dentro do nosso olhar, ás vezes, nasce,
Como na agua de um lago transparente
Uma indistincta floração fugace,
Todo o passado, em ronda, suavemente.

E o juramento que se fez, e a face
Que se beijou, chorando, docemente,
E volta, pallida, (e antes não voltasse!)
Tudo se ergue na sombra, de repente.

E são verões, outonos, primaveras,
Mares coalhados de astros e galeras,
Tardes de prata, auroras de cristal ;

E cidades que, longe, vão surgindo,
A' beira azul de um golpho calmo e lindo,
Entre grinaldas de ambar e coral !



Vesperal

A hora veste de cinza toda a altura,
Cinza que os astros vão manchando de ouro;
E o céu é como a boca de um thesouro,
Onde ha brilhos ferindo a névoa escura.

Na solidão, que augmenta ainda a espessura
Dos bosques, como num castello mouro,
Modulam frautas e arrabis, em côro,
Velhos rimances de odio e de doçura.

Subito, as vozes calam-se, na sombra.
Uma figura pallida se escombra
Por traz dos ramos, sob a luz do luar ;

E na amargura, que adormenta o espaço,
Meu coração, como um violino lasso,
Parte as cordas de tanto soluçar. .



Pomona

Dentre um perfume, que entontece,
De loura manga e de maçã,
Teu leve corpo me aparece
Na claridade da manhã.

Tal uma joia, resplandece
Nas verdes ramas, a romã;
E, pela relva, humilde, cresce
A crespada folha da hortelã.

Por onde vai teu pé ligeiro,
Atraz do qual o pegureiro
Tonto de amor, se cansa, em vão!

Logo das coisas foge a calma:
Em cada flor palpita uma alma,
E em cada fruto um coração..



A' espera do luar

Do balcão de ouro, que um rosal incensa,
Pelas arvores calmas, orvalhadas,
Teus olhos, cheios de saudade intensa,
Ainda procuram fórmãs apagadas.

Dentro da sombra velludosa e densa,
Os chorões se debruçam nas estradas ;
E pela noite azul, serena, immensa,
As horas tombam .lentas, socegadas.

Emquanto o céu se enche de pedrarias,
Soluçam nos jardins as águas frias
De um tanque, onde ha tritões de humidos flancos.

E, ao fundo, longe, antes que a lua rompa,
Ao som da avena rustica e da trompa,
Descem dos montes os rebanhos brancos.



Transfiguração

Quando o silencio vai crescendo, quando
O poente accende os lirios de marfim,
As tuas mãos parecem pombas, voando
Na penumbra macia do jardim.

Como um cristal resoante vaes passando,
Com perfumes nostalgicos, por mim ;
E teus braços, de um talhe real e brando,
São dous pavões de espuma e de setim.

Súbito, é um caule ideal teu corpo esguio,
Uma folha que esvoaça, no arrepio
Da ramaria ondeante dos chorões.

Mas, depois, vestes o ar de estranho luxo,
E, numa refulgencia de clarões,
Lembras a chuva de ouro de um repuxo!



Melancolia

A tarde cáe ; no espaço triste
Os astros vêm, as aves vão . .
Ah! tudo, tudo quanto existe
É dissabor, desillusão .

Andam, na estrada que seguiste,
Olhos sem luz, bocas sem pão.
Ha quanto tempo tu partiste ?
Nem sabe já meu coração . . .

A fruta de um pastor remoto,
Por entre as sebes de jasmim,
Chora o amargor de quanto existe ;

E como um grande lírio ignoto,
Lavado de ouro e de marfim,
A tarde cãe no espaço triste. . .



Exílio amargo

Ah! toda esta ansiedade e toda esta tortura
Vieram morrer dentro de mim, sem um gemido.
Hora que, em vão, sonhei! A vida fel-a escura.
E, agora, meu desejo é um parque desflorado.

Tudo passou por nós, tudo passou . . . procura
No meu sombrio olhar aquelle aureo sentido,
E somente verás, como em velha gravura,
A apagada expressão de um perfil esquecido!

**E tu foste, depois, para a insomne alegria,
A semear, em clarões, na poeira das estradas,
A gloria do teu canto, o ouro da tua vida,**

**E eu fiquei para errar, mãos sem sol, alma fria,
Entre abysmos sem fundo, e selvas desoladas,
Na saudade e no horror de uma patria perdida!**



**Questa selva selvaggia ed aspra e forte
che nel pensier rinnuova la paura..**

Dante. (Inferno. Canto 1°)

A Renato Almeida

Florestas irmãs

Olha estas frondes reaes que a lua banha,
Olha, e medita! A selva, aqui, se espelha
Entre pesadas sombras, que a scentelha
Das errantes estrellas acompanha.

Como, em torno, a floresta é espessa e estranha!
Não canta uma ave, nem a leve abelha
Esvoaça, nem, nas relvas, a vermelha
Papoula aos verdes brotos se emmaranha...

Olha, agora, tua alma ; olha, e medita!
Que floresta de enganos, infinita,
Lentamente cresceu da tua dor!

Vê como, assim, na sombra mergulhadas,
Têm as duas florestas desoladas
O mesmo desespero, e o mesmo horror!

A eterna pergunta

Deante da eterna dor, do mal insanõ,
Não é de mais a ventura promettida ;
Não é de mais uma vida, além da vida,
Onde será divino o sêr humano !

Dentro da sanha desse amargo oceano
De miseria contínua, repetida,
Cada illusão recorda uma ferida,
Cada alegria traz um desengano . . .

Porque, meu Deus, essa tortura imensa,
Essa noite profunda de descrença
Em que as almas se agitam, com pavor?

Porque, Senhor, tanta revolta obscura,
Nessa infeliz, humillima creatura,
Que tem medo de crer no seu Creador?.



Noite

No remanso da noite, quem não sente
Uma velha aflição, magoada, imensa?
Quem não abaixa os olhos, de repente,
Cheio de inquietação, e de descrença!

Essa tranquillidade funda, algente,
Feita de desengano e indiferença,
Onde os sêres se apagam, lentamente,
Quem ha que dentro da alma insomne a vença?

Nas arvores, nas brumas vaporosas,
Nas pedras rudes, nas planícies erra
A tristeza das coisas silenciosas.

E quanto mais de horror a alma recua,
Mais sombra cáe dos ares sobre a terra,
Mais refulge no céu sereno a lua.



Avatar

Antes, a alma que tenho andou perdida.
Por que mundos rolou, que mão subtil
Poz tão nobre fulgor, e estranha vida,
Nesse bocado de ouro e barro vil ?

De certo, arvore foi : verde jazida
De ninhos, sob o céu de espuma e anil.
E foi grito de horror, na ave ferida,
E, na canção de amor, sonho febril !

Foi desespero, sofrimento mudo,
Ódio, esperança que tortura e inferna;
E, depois de exsurgir, triste, de tudo,

Veio para chorar dentro em meu sêr,
A amarga maldição de ser eterna,
E a dor de renascer, quando eu morrer!



Deus

A que terras sombrias e geladas
Fantasma, nos conduzes? Que florestas
De arvores negras, solidões funestas,
Guardarão nossas almas torturadas?

Entre vãos desesperos, e entre festas,
Depois de tantas illusões falhadas,
Na successão de noites e alvoradas,
Só tu, funebre horror, só tu nos restas!

Só tu, funebre horror maravilhoso,
Que não dás um minuto de repouso
Ao nosso humano, estreito coração ;

Só tu, figura pensativa e estranha,
No alto da tua tragica montanha,
Onde nem chega a nossa maldição !



Desejo

**Pelo nosso desejo enlouquecemos ;
Pois no bem alcançado um novo engano
Enche de angustia o coração humano,
Com a ventura que não alcançaremos !**

**Dolorosa ilusão que não podemos
Supportar, nem vencer, e é mal insano
Que ruge dentro em nós, como um oceano
Onde, aos poucos, chorando, nos perdemos.**

Dolorosa illusão, que é a propria vida,
Fugitiva, fallaz, inattingida,
Que as nossas mãos procuram, sem tocar.

Ah! desejo, que, em sendo satisfeito,
Augmenta novamente em nosso peito
Como as ondas augmentam sobre o mar.



A um Filho Prodigo

Volta! ainda é tempo! Branca, no horizonte,
Tua aldeia sorri sobre a collina.
Cumpra-se nesses valles tua sina,
Seja teu mundo esse tranquillo monte;

Seja teu mundo essa encurvada ponte
Que sobre o rio, tremula, se inclina,
E esse trecho de céu que te illumina
A larga, franca e pensativa fronte!

**A vida, ahi fóra, em ondas, tumultua.
Ouve teu rude coração. Recua!
Volta aos humildes, mas felizes, tectos :**

**Que as estrellas terão mais calmos brilhos
Para velar o somno de teus filhos,
E a terra sorrirá para teus netos !**



A Resposta do Homem

A Freitas Valle

“Homem! que queres mais? Dei-te a alegria
Que move os mundos harmoniosamente;
É o céu cheio de estrelas, e a poesia
Da aurora casta, e a lagrima do poente.”

“Dei-te a floresta espessa, e a pedraria
Limpida, a agua das fontes, transparente,
E o vinho de ouro, a flor tremula e fria,
E o silencio mais sabio que a serpente...”

“Dize, que queres mais? O amor, a gloria,
A força, ainda mais bella que a Belleza,
A eternidade na hora transitoria?”

“Que queres mais, se as tuas mãos têm tudo,
Se é toda tua a immensa Natureza?”
E o Homem olhou a terra, e ficou mudo..



Fumo

Todas as fórmãs passam, lentamente,
Por meu desejo, que anda a procural-as.
Mas, se tento attingil-as, de repente,
Mudam-se em fumo, em sombra, em névoas ralas.

Palavras que são como a água dormente
Na clausura de um vaso! Onde encontral-as,
Capazes de exprimir o sonho ardente
Que ha num repuxo, ou num collar de opalãs?

Palavras que promettem maravilhas,
Como, á distancia, o mar, que se abre em ilhas,
Em pérolas, madréporas, coraes....

Mas, que a um leve tocar das mãos ansiosas,
Quebram no azul as linhas caprichosas,
Como as ondas amargas contra o caes!



Pó

·De onde vens, cavalleiro mysterioso,
No teu ginete de revoltas clinas?
Que manhãs, e que tardes cristallinas
Atravessaste, inquieto e sem repouso?·

Olhando, assim, no cimo das collinas,
O vulto pensativo e silencioso,
Os homens clamam, prelibando o goso
Das verdades eternas e divinas.

•Quem é o nosso Deus ? A dor, a gloria,
O sonho, o amor ? Que força transitoria,
Para a illusão formou o nosso sêr ?•

E os homens viram, mudos, de repente,
Uma nuvem de pó subir no poente,
E o cavalleiro desaparecer . . .



No alto da montanha

A Rodrigo Octavio Filho

O homem medita . . . A sombra ondeia, suavemente,
Sobre a planície, longe. A voz das cousas, lassa,
No ar da tarde, subtil, como um suspiro passa,
Cresce, um pouco, e, depois, cala-se de repente.

O homem pensa: Ser bom ! e, ao mesmo tempo, algente,
Um passaro nocturno as azas espedaça
De um pobre insecto esquivo, e uma alta estrela traça
Uma curva de luz no céu indiferente . . .

O homem escuta: O mundo accorda na sua alma!
E o silencio feliz da Natureza calma
Não lhe ouve o coração, que se abre num só grito !..

E o homem levanta o olhar, e vê que anda por tudo,
Nas montanhas, no chão, no mar, no espaço mudo,
Essa tristeza immensa e vaga do infinito...



Fabula

Suspenso ao ramo verde o fruto louro
Entreabre para o sol, como um escudo,
A rosea pelle, toda estriada de ouro,
Que lembra, na maciez, pluma ou velludo.

Parece, dentre as folhas, um bezouro,
De azas fechadas, reluzente e mudo ;
Emquanto vaes, assim como a um thesouro,
Súbindo, pouco e pouco, o tronco rudo.

Cuidado ! Não te arraste a lide-insana,
Vê melhor ! Quasi sempre as amarguras
Já foram sonhos, dentro da alma humana...

Se tens sêde, e mais nada, a arvore é boa.
Mas se é felicidade que procuras,
O bezouro se moye... e o fruto vòa.



Caminho eterno

**Os homens vão as almas arrastando
Por abysmos sem luz, e por estradas
Onde o sonho mais limpido e mais brando
Logo se volve em sombras desoladas.**

**As mãos levantam no ar, e é sempre quando
As mãos levantam, tremulas, cansadas,
Que outros caminhos surgem, serpenteando,
No pincaro de serras escarpadas !**

Onde a felicidade prometida ?
A insania que nos leva para a vida
Leva-nos, todos, para um bem ausente.

E, depois de andar tanto, que perdura ?
Um punhado de cinzas, e a amargura
De ter andado tanto, inutilmente . . .



INDICE

INDICE

Vida..	5
----------------	---

POEMAS DE AMOR

Nocturnos

Anoitece	11
<i>Sobre o rio tranquillo espelha-se um pomar.</i>	13
<i>Vens no perfume do ar, como a tranquilla imagem.</i>	15
<i>Pelo velho jardim, que a noite enche de bruma.</i>	19
<i>Ao luar, os violencellos, entre os choupos.</i>	21
<i>A lampada abre, no ar, como um lirio vermelho.</i>	23
<i>No alto dos morros boia a lua de ouro.</i>	25

ELEGIAS

<i>Teu vulto leve, ao fundo do passado.</i>	29
<i>Pela nevoa a ondular, como um acorde lento.</i>	31
<i>Em teu olhar que guarda as florações extranhas.</i>	33
<i>No deserto jardim, que a bruma envolve, pelas.</i>	35
<i>Na paz do outono</i>	57
<i>Vê como a sombra é suave, e o céu como está perto.</i>	39

ROMANCE E BALLADA

Romance	43
Ballada	45

POEMAS DA NATUREZA

Allegoria da manhã.	49
Allegoria da tarde.	53
Allegoria da noite	55
Manhã de inverno.	57
Maioridente.	59
Crepusculo	61
Primavera	63
Serenidade.	65
Noite de Junho no Campo.	67
Manhã de pedrarias.	69
Tarde de chuva.	73
A sombra que passa.	75
Silencio	77
Na doçura da tarde.	81

POEMAS DA VIDA

Deante da vida.	
A um adolescente.	85
I.	99
II	101
III.	103
IV	105
V	107
VI	109
VII.	111
Destino	113
Onda.	115
A estrada sem fim.	123
Entre os choupos da estrada.	127

SONETOS

<i>Velhas imagens</i>	133
<i>Fortuna, por meu mal, me tem mudado</i> ..	134
<i>A uma Senhora indifferente</i>	136
<i>Junto das aguas frescas, suspirosas</i>	138
<i>Onde puzerdes vosso amor</i>	140
<i>Quem teve á mão o fruto cobiçado</i>	142
<i>Á maneira do Renascimento</i>	144
<i>Emquanto a Primavera vai deixando</i> ..	146
<i>Longe do teu olhar a terra é escura</i> ..	148

FIGURAS DE CINZA E OURO

Pastoral.	153
Peão	154
Medalhão	156
Festim pagão. ..	158
Baixo-Relevo... ..	160
Vinho amargo. ...	162
Chuva de astros.. ..	164
Festa Veneziana.....	166
Sombras que voltam. ...	168
Vesperal	170
Pomona	172
A' espera do luar.. ..	174
Transfiguração	176
Melancolia	178
Exilio amargo.. ..	180
.....	
.....	
Florestas irmãs. ..	185
A eterna pergunta. ..	186

Noite	188
Avatar	190
Deus	192
Desejo	194
A um Filho Prodigio	196
A Resposta do Homem	198
Fumo	200
Pó	202
No alto da montanha	204
Fabula	206
Caminho eterno	208



RONALDO CARVALHO



DELA BELLEZA
SILENCIOSA



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).